

O PERFIL DE COMPETÊNCIAS DO PROFISSIONAL DE INTERVENÇÃO PRECOCE: CONTRIBUTOS E PERSPECTIVAS DOS PROFISSIONAIS

Matos, Susana. Agrupamento Bernardino Machado, Vila Nova de Famalicão, Portugal

Pereira, Ana Paula. Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal

Resumo: Com este estudo de investigação perspectiva-se identificar as diferentes percepções dos profissionais de Intervenção Precoce (IP), acerca da sua profissionalidade, saber fazer e saber estar, necessários no atendimento qualificado às famílias. Assim, definiram-se questões de investigação que integram algumas dimensões enquadradoras do perfil do profissional em IP, nomeadamente a sua relação com as crianças, com as famílias ou prestadores de cuidados, com a comunidade e sociedade e com os outros profissionais envolvidos na IP.

Neste estudo de natureza qualitativa, utilizou-se o testemunho de seis profissionais de IP com formação especializada (mestrado ou pós-graduação em IP) e com experiência nesta área, analisando as suas ideias, práticas, conceitos e modelos de intervenção, de forma a aprofundar e compreender o perfil de competências destes profissionais, objectivando-se a reestruturação dos programas de formação especializada e em serviço em IP, bem como a melhoria das práticas que diariamente utilizam no apoio às Famílias.

Os dados globais obtidos salientam que os profissionais valorizam uma prática centrada na família, utilizando-a na sua maioria nos seus contextos de intervenção em IP, reconhecem os seus aspectos mais valorizados e as dificuldades inerentes, bem como a forma de operacionalizar no terreno. Consideram da maior relevância a importância da equipa como elemento aglutinador para a IP. Destacam a importância da formação quer de base, quer complementar nomeadamente uma formação em serviço, prestada pelos pares ou por entidades ligadas ao ensino superior. Como Profissionais encaram as qualidades técnicas e relacionais como um todo inerente ao profissionalismo em IP.

Palavras-chave: Intervenção Precoce, Profissionais, Práticas Centradas na Família, Formação

Introdução

A intervenção precoce (IP) regulamentada pelo Decreto 281/2009 de 6 de Outubro, promove um trabalho conjunto de transdisciplinaridade levado a cabo por agentes de diferentes áreas, com diferentes percursos, com uma história própria mas “é ao nível da intervenção directa junto das famílias/crianças que cremos poder falar-se, com pleno significado, de *profissional de Intervenção Precoce*; no fundo, todos os outros níveis estruturais existem para promover o processo de desenvolvimento profissional dos elementos das Equipas, que se traduzirá na construção da *profissionalidade em Intervenção Precoce*”. (Santos, 2007, p. 102, 103)

Santos (2007) define como eixos estruturais da profissionalidade IP, a Natureza (da actividade), o Saber (para exercer), o Poder (da decisão sobre a acção) e a Reflexividade, (sobre a acção). Da dialéctica criada pela união destes vectores emerge assim o profissional que tem a possibilidade de optar e decidir quanto à adequação ou alteração da sua acção (Roldão, 1999, citado por Santos, 2007).

Para Viana (2007), o trabalho com famílias, precede no profissional a consciência que o apoio dispensado não depende unicamente do prestador, mas substancialmente de um

conjunto de factores endógenos e exógenos em que a variabilidade não é linear, razão pela qual a autora defende que “o trabalho de equipa alicerçado em desígnios de parceria e colaboração permitem que famílias e profissionais intensifiquem as suas “forças” (p. 28).

A importância de programas de apoio à família surge segundo Dunst e Trivette (1994) pela necessidade absoluta de promover um esforço no sentido de que o fluxo de recursos e apoios prestados àquela família, permita uma consolidação do seu modo de funcionamento, promovam um efectivo crescimento de todos e de cada um, de um modo completo e individualizado. As unidades familiares devem assim munir-se de direitos e deveres, coexistindo num espaço. A figura do profissional de IP leva-nos assim para além de uma auto capacitação, para uma capacitação e corresponsabilização da família e para uma figura onde acresce um conjunto de papéis como o de *defensor dos direitos*, o de *consultor*, o de *coordenador* e o de *facilitador*, em relação a cada uma das famílias que apoia (DEC, 2000).

Uma abordagem centrada na família implica assim, por parte do profissional de IP, uma descaracterização do papel técnico, passando a um trabalho colaborativo, necessariamente com implicações na formação do profissional e na aplicabilidade diária dos apoios e serviços.

Quando pensamos em IP sabemos à partida que o trabalho a ser realizado não deve em momento algum descurar as competências, características e personalidade do profissional; a sua formação vista num contínuo; o envolvimento e comunicação da equipa; a forma como operacionaliza, valoriza ou sente as dificuldades de uma prática centrada na família. Pensamos ser esta a chave para o sucesso de uma intervenção. Assim, desta forma e com este estudo pretendemos constatar essa mesma realidade.

Na medida em que o nosso conhecimento teórico sobre os aspectos preponderantes do apoio à família em IP deve ser exímio, devemos ao mesmo tempo ser capazes de nos desprendermos dos dogmas para que nos possamos flexibilizar de forma a irmos de encontro às necessidades, preocupações e características de cada família, da própria equipa de IP e da comunidade. É neste contexto que surge o nosso interesse sobre o estudo das perspectivas dos profissionais de IP, sobre o seu perfil de competências.

Objectivos

Tendo por base o interesse na profissão de IP, estudos consultados e o impacto na própria formação dos profissionais, o presente estudo tem por finalidade conhecer as perspectivas dos profissionais de intervenção Precoce sobre o seu perfil de competências, no apoio prestado às famílias e crianças com Necessidades Especiais (NE) na IP.

Dunst, Trivette, Davis, e Cornwell (1994), consideram que o trabalho do profissional de IP, depende das atitudes e crenças do profissional, anteriores à prestação de serviços, do comportamento do profissional no momento da interacção e das respostas e consequências do apoio prestado.

Segundo Dunst (1998b), existem três grandezas, que articuladas de forma associada, permitem otimizar o trabalho em IP: a) a qualidade técnica; b) as características e representações do profissional; e c) o envolvimento participativo, esta última com duas componentes, a relacional e a participativa. Esta dialéctica de grandezas poderá ilustrar o perfil do profissional de IP.

Consequentemente, com este estudo pretende-se conhecer e compreender as diferentes perspectivas dos Profissionais de IP acerca da sua profissionalidade, saber fazer e saber estar necessários ao apoio de qualidade às Famílias na IP.

Assim, procuraremos dar resposta a um conjunto de questões que representam os objectivos deste estudo e que sistematizam algumas dimensões enquadradoras do perfil do profissional de IP propostas pela investigação. Deste modo procuraremos conhecer, descrever, compreender e explorar as perspectivas dos profissionais acerca da sua formação em IP; das competências e características necessárias ao apoio às Famílias na IP; o papel que atribuem às Famílias nesse mesmo apoio e de que modo enquadram e valorizam o trabalho de Equipa na IP.

Objectivamos assim compreender e explorar as relações e interacções dos profissionais de IP com as crianças, com as Famílias, com a comunidade e sociedade e com os outros profissionais envolvidos nesta área.

Abordagem Metodológica

Visando a questão de partida colocada - *Existe um perfil de competências para o profissional de IP?* - e o facto de se relacionar com a percepção de um grupo profissional específico, profissionais de IP, optou-se por uma abordagem qualitativa por ser aquela que na nossa opinião melhor pode responder ao objectivo do nosso estudo

A escolha dos participantes teve um carácter intencional, permitindo assim aumentar a probabilidade de as múltiplas realidades serem encontradas e incluídas (Martins, 2006). Da população considerada no estudo em questão – foram seleccionados 6 profissionais de IP que puderam partilhar informações, percepções, perspectivas e experiências pertinentes e profundas sobre o tema em estudo, sendo garantida a confidencialidade, realçando a natureza voluntária dos intervenientes (entrevistados), distinguindo o carácter do estudo e o seu objectivo.

Os resultados obtidos nesta investigação recolheram-se assim junto de profissionais de IP, com prática actual ou tempo de serviço em IP. Na selecção das pessoas a entrevistar, houve a preocupação de que tivessem toda a formação específica em IP, pós-graduação ou mestrado em IP na Universidade do Minho, considerando assim a pertinência da formação e conhecimento acerca das temáticas abordadas.

Para a recolha das informações pretendidas junto de cada um dos profissionais considerados no estudo utilizou-se como instrumento de recolha de dados a entrevista individual semi – estruturada, feita face-a-face, composta sobretudo por questões abertas, o que permitiu aos profissionais expressarem de forma espontânea as suas perspectivas sobre as competências do profissional IP. Segundo Smith (1999), citado por Tegethof (2007), «a utilização deste formato de entrevista facilita a empatia entrevistador-entrevistado, permite uma maior flexibilidade e abrangência temática, tendendo a proporcionar uma maior riqueza de dados» (p. 350)

Assim, as entrevistas deste estudo decorreram entre Fevereiro e Abril de 2010, em locais escolhidos pelas entrevistadas, nomeadamente locais de trabalho, locais públicos e domicílios.

Para garantir a validade das entrevistas realizadas tentou-se seguir alguns dos critérios definidos por Kvale (1996), e por Máximo (2007). Com vista a clarificar o significado dos aspectos relevantes contidos nas respostas dos participantes recorreu-se, sempre que

considerado necessário, a questões de interpretação O interesse do investigador passa assim por compreender o sentido que o outro dá às suas expectativas.

No decorrer da fase prática do trabalho aplicou-se o guião da entrevista piloto que foi posteriormente modificado, conforme as necessidades detectadas no decorrer da primeira entrevista piloto. O porquê das alterações realizadas, está subjacente a um processo de reflexão no primeiro encontro, ponderando acerca do mesmo e do que se poderia melhorar, tendo em conta o que é defendido pela bibliografia nesta área.

Ideou-se posteriormente um guião que serviu de base às seis entrevistas que constituem este estudo O Guião definitivo é constituído por 5 partes (Quadro 1), agrupadas de acordo com os principais temas focados, pois como refere Tegethof (2007) as questões devem ser claras e devem permitir explorar as principais áreas de foco do estudo.

Quadro 1

Guião das Entrevistas

<p style="text-align: center;">CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO PERFIL DE COMPETENCIAS DO PROFISSIONAL DE INTERVENÇÃO PRECOCE: AS PERSPECTIVAS DOS PROFISSIONAIS</p> <p>Nome: Funções: Entrevistador: Local:</p> <p>Formação do entrevistado Q1 Qual é a sua formação de base? Onde adquiriu a sua formação? Tempo de serviço/experiencia em intervenção precoce? Q2 Porque é que se especializou em intervenção precoce? Q3 Procura ainda formação na área de intervenção precoce? Se sim que áreas temáticas gostaria de ver contempladas nessa formação? Q4 Na sua opinião o que é que significa ser profissional de intervenção precoce?</p> <p>Competências/Características Q5 Que tipo de conhecimentos e competências considera ser necessários para que os profissionais trabalhem na intervenção precoce? Q6 Tendo em conta a sua experiencia, dentro das competências mencionadas quais as que valoriza mais (ou considera) mais importantes no apoio às famílias em intervenção precoce? Q7 Que aspectos considera determinantes para a qualidade dos apoios prestados pelo profissional de intervenção precoce? Q8 Quais as características pessoais que considera ser importantes no profissional de IP? Q9Quais as dificuldades (como profissional) que experiencia no trabalho que desenvolve na intervenção precoce?</p> <p>Famílias Q10 No seu trabalho em IP a família é um elemento activo e participativo no processo de intervenção/apoio? Se sim de que modo é que operacionaliza esse envolvimento? Q11 Como profissional IP, que aspectos/características mais valoriza na relação que estabelece com as famílias? Q12Como profissional quais as dificuldades que experiencia no trabalho que desenvolve com as famílias na intervenção precoce? Q13 Utiliza, nas suas práticas diárias, com as famílias, a abordagem centrada na família? Se sim, de que forma a operacionaliza? Q14 Quais as dificuldades que sente na utilização da abordagem centrada na família?</p> <p>Equipas Q15Considera importante o trabalho em equipa em intervenção precoce, se sim porquê? Q16Que competências considera importantes e necessárias no trabalho em equipa na intervenção precoce? Q17Tendo em conta a sua experiencia de trabalho de equipa em intervenção precoce, Como é que</p>
--

considera que se deve desenvolver a comunicação entre os diferentes elementos da equipa intervenção precoce?

Q18 Considera que existem obstáculos ao trabalho em equipa na IP? Se sim, que tipo de obstáculos salientaria?

Formação na Intervenção Precoce

Q19 Ao nível da sua formação especializada em intervenção precoce quais as unidades curriculares/disciplinas, áreas/temáticas que considerou mais importantes? (para que possa apoiar com qualidade as famílias em intervenção precoce).

Q20 Ao nível da sua formação especializada em intervenção precoce quais as unidades curriculares/disciplinas, áreas/temáticas onde sentiu mais lacunas?

Q21 Para a realidade portuguesa, considera que o investimento deveria ser na formação de base e/ou em formações complementares? Porquê?

Q22 Na sua opinião, que entidades deveriam fazer a formação específica na intervenção precoce, em Portugal?

Q23 Mais alguma aspecto que queira acrescentar ...

Muito Obrigada!

Procedimentos de Redução e Análise dos dados

Numa investigação qualitativa, para Coutinho (2008) os resultados têm sempre uma visão subjectiva que implica inevitavelmente o investigador com todo o seu *background* pessoal e profissional (Coutinho, 2008).

Como técnica de análise de dados utilizamos a análise de conteúdo, que tal como refere Almeida (2007), tem como objectivo isolar, contar e interpretar temas, questões e motivos recorrentes no material em estudo, permitindo assim um conjunto de informação mais pequena e mais facilmente manuseável. As unidades de análise passam a ser uma palavra, frase ou resposta a uma questão as quais por sua vez passaram a uma categoria ou dimensão. Segundo Smith (2000) citado por Almeida (2007) é geralmente aceite que as categorias devem ser unidimensionais, ou seja a classificação de determinado elemento dos dados não afecta a classificação de outro elemento; exaustiva, toda a informação que é considerada relevante é incluída numa das categorias; e mutuamente exclusivas, pois cada elemento dos dados pode apenas ser classificado numa, e apenas numa, das categorias.

Segundo Kvale (1996) o produto final de uma entrevista pode revelar a presença de um conjunto de dados dispersos e desprovidos de coerência pois, segundo o mesmo autor «podemos ficar perdidos numa selva de transcrições». (p.184) Estas são as razões pelas quais os investigadores devem recorrer a métodos de análise de conteúdo que permitam organizar os dados da entrevista para condensar o significado, para que estes possam ser apresentados em espaços relativamente curtos e possam, também, ser facilmente compreendidos.

Na verdade, Gómez, Flores, e Jiménez (1996) referem que os dados recolhidos através das entrevistas são dados brutos a partir dos quais o investigador tem de realizar as operações necessárias que lhe permitam estruturar a informação num todo coerente e significativo.

Os passos de análise referidos por Gómez, Flores, e Jiménez (1996) são: a redução da informação, ou seja, simplificá-la, resumi-la; a separação em unidades; a síntese e o agrupamento; a obtenção de resultados e conclusões e a verificação de conclusões. Tendo em conta o âmbito e a abrangência do presente trabalho efectuar-se-á a redução da informação e a tentativa de obtenção de alguns resultados convergindo a problemática exposta com os dados da entrevista.

O presente estudo de natureza qualitativa permitiu que se procedesse à análise de conteúdo das entrevistas realizadas, sendo a apresentação dos resultados feita através das seguintes categorias:

- Equipas;
- Profissional;
- Práticas centradas na família e
- Formação

O sistema de categorias foi construído com base na pesquisa bibliográfica realizada e em consonância com os objectivos e com as questões que orientaram este estudo.

Apresentação dos resultados: Cruzamento e discussão das perspectivas individuais

Os resultados apresentados permitiram-nos descrever a perspectiva de cada uma das entrevistadas sobre os diferentes temas da investigação. Para aprofundar a compreensão dos resultados, do fenómeno em estudo, estabelecemos uma sùmula das concepções das participantes, nomeadamente as suas opiniões relativas às temáticas abordadas, relacionando-as com a literatura consultada.

Para uma melhor leitura e compreensão apresentamos a intersecção das perspectivas dos diferentes participantes deste estudo, tendo por base as quatro categorias e subcategorias que consideramos para a análise das entrevistas e que apresentamos de seguida, na figura 1

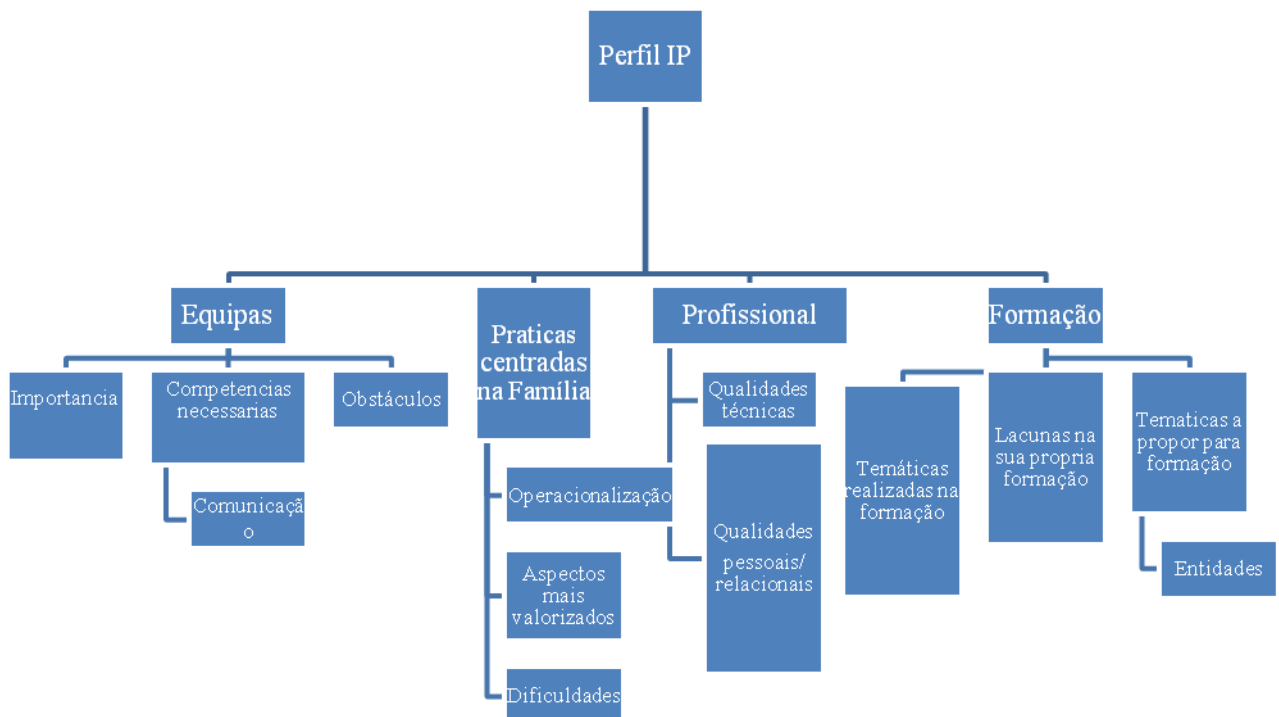


Figura 1 -As Unidades de Análise

Conclusão e possíveis recomendações

A importância atribuída à IP, com uma abordagem centrada na família é de todo consensual. O apoio à família, como elemento único e singular, em que as escolhas e as decisões reflectam uma partilha de responsabilidade, em colaboração, entre a família e o profissional, permitem-nos advir o comprometimento maximizado que se exige ao profissional. Constatamos através dos diferentes depoimentos uma clarividência por parte das entrevistadas do seu grau de responsabilidade enquanto profissionais de IP.

As competências aliadas a um bom funcionamento da equipa, com particular relevo para uma comunicação eficaz remetem-nos para um Modelo Transdisciplinar, implicando um elevado grau de colaboração e de transferência de papéis. No presente estudo as profissionais revelam os obstáculos que surgem ou são criados pela dinâmica presente na realidade de cada intervenção em equipa, considerando que a disponibilidade temporal anexada a cada particularidade da mediação, não permite remeter-nos para critérios de excelência, que segundo Tegethof (2007) correspondem à eficácia de desempenho das equipas de IP nas respostas às famílias apoiadas.

As práticas centradas na família, conferem à família o papel fulcral no processamento de opções e deliberações relativamente ao decurso do apoio na IP (Dunst, 1995, 1997, 1998b, 2000b, 2002; Dunst, Trivette, Davis, & Corwell, 1988). Os resultados obtidos reforçam este papel, considerando que um propósito co-construído, valorizando a individualidade e contextualização de cada família poderá valorizar e maximizar os apoios e serviços que lhe são prestados.

As dificuldades inerentes a este pressuposto derivam de modelos centrados na criança, baseados essencialmente no modelo médico. O modelo médico caracteriza-se pelo enfoque no profissional ou na instituição, limitando as escolhas e o grau de responsabilidade por parte da família (Correia & Serrano, 1998; Allen & Petr, 1996; Turnbull & Turnbull, 1990). A centralidade na criança, considera a criança como uma ilha esquecendo como refere Tegethof (2007) que «as crianças proporcionam diferentes estímulos aos pais em virtude das suas características próprias, por sua vez, o efeito destes estímulos vai depender, em parte, da individualidade dos próprios pais e vai dar origem a diferentes tipos de feedback» (p. 29, 30). As entrevistadas reconhecem novamente o factor tempo individual e colectivo que se prende com a locação parcial dos diferentes profissionais às equipas considerando um entrave a uma operacionalização centrada na família. Salientam igualmente a importância da formação especializada e complementar na IP como factor agregador do trabalho em Equipa e da qualidade dos apoios e serviços prestados às famílias na IP.

Segundo Rappaport (1981), a colaboração «exige o abandono do modelo tradicional de papéis desempenhados pelos profissionais e pelos membros da comunidade nas suas relações recíprocas» (p. 19) de forma a promover a capacitação e uma corresponsabilização das famílias. Emerge assim o papel do profissional numa abordagem centrada na família que impele para uma assunção de novas competências que se possam traduzir na organização, prestação e coordenação dos apoios e dos serviços (Beckman, 1996a, 1996b, S. Sandall, & et al. 2000; Winston, McCollum, & Catlett, 1997).

A dificuldade do papel atribuído ao profissional de IP deve-se essencialmente à complexidade das funções que lhe são atribuídas, nomeadamente à diferenciação dos cenários onde actua que vão desde a diversidade das famílias apoiadas, à necessidade de

colaboração entre profissionais, e entre estes e as famílias e a articulação e coordenação de apoios e serviços comunitários. Todos estes aspectos reforçam a necessidade destes profissionais possuírem um conjunto de características e competências que lhes permita capacitar e corresponsabilizar as Famílias que apoiam e em simultâneo reflectir e adequar continuamente as suas práticas.

Para Dimova (2005) a estabilidade pessoal dos profissionais poderá ser avaliada como uma condição indispensável em IP para que estes possam apoiar as famílias nos seus contextos, respeitando os seus sistemas de valores e os seus diferentes backgrounds culturais, entre outros aspectos. As participantes deste estudo reforçam esta ideia referindo várias qualidades relacionais que podem ir de encontro a essa mesma estabilidade pessoal, entre elas o equilíbrio psicológico, a auto-reflexividade, a sinceridade, o respeito, entre outras.

Tal como refere Dunst (1998b), as qualidades relacionais embora sejam uma condição necessária para qualificar as interações entre família/profissionais, não são suficientes para corresponsabilizar a família em todo o percurso de apoio na IP. Nesta linha as participantes deste estudo consideram de extrema importância que o profissional possua um conjunto de características técnicas que lhe permite criar oportunidades de escolha e decisão às famílias geradoras de acções que lhe permitam obter os resultados desejados.

Os profissionais valorizam as suas qualidades com o intuito de manter a sua identidade, promover melhorias, conservar e aumentar o seu perfil de competências, destacando-se como um recurso diferenciador de outros segmentos específicos do apoio comunitário.

Todas as participantes deste estudo realizaram a sua formação especializada em IP na Universidade do Minho. Com este pressuposto referem diversas temáticas que consideraram importantes para que possam apoiar com qualidade as famílias em IP, considerando que toda a formação realizada neste curso estava e está pensada para um trabalho em equipa.

Consideram como lacunas na sua formação um desvio da realidade portuguesa e uma aproximação a uma realidade Americana, a necessidade de um maior investimento numa vertente prática, as dificuldades de observação de equipas no terreno. Acrescentando outras lacunas em áreas específicas nomeadamente, a inclusão de crianças com NEE, os princípios inerentes à IP que poderiam ser trabalhadas e investigadas aquando da formação inicial de cada uma. Unanimemente referem as universidades e escolas superiores de educação como entidades de referência na formação especializada do profissional de IP e uma formação contínua com profissionais no activo e equipas que estão no terreno.

No sentido de contornar algumas lacunas da formação são vários os investigadores que referem que a formação do profissional em IP deve ir para além de uma abordagem didáctica, tornando-se necessário um complemento experiencial e interactivo, aspectos estes que são referenciados pelas participantes deste estudo sobre a forma de criação de oficinas de formação, análise de estudos de caso, roll-play, coaching, sugerindo assim uma formação participada por parte dos formandos. (Bruder & Dunst, 2006; Galhacher, 1997; Pereira 2003, 2009).

Consideramos que apesar das limitações deste estudo, as reflexões suscitadas, podem ter impacto ao nível do profissional de IP, mormente o seu impacto na formação de base e complementar. A relevância da formação em IP nas práticas geradas diariamente deve advir num contínuo, de forma contextualizada com a realidade (Pereira, 2009).

Recomendamos que numa futura investigação sejam abordados e investigados, como possíveis elementos chave, para além de outros profissionais, a Família, os investigadores, nomeadamente aqueles com responsabilidade na formação dos profissionais de IP e nos Países com historial e práticas coadunais, e os representantes legais dos ministérios envolvidos em parcerias de IP. De todo este somatório de contributos será possível reajustar objectivos e prioridades, rever a formação, e as acções projectadas, em suma, fazer incidir na experiência adquirida a base de avanço para a criação de um perfil do profissional globalizante como factor intrínseco à IP.

Referências Bibliográficas

- Allen, R. I. , & Petr, C. G. (1996). Toward developing standards and measurements for family-centered practices in family support programs. In L. E. P. G. H. Singer, & A. L. Olson (Eds.), *Redifining support: Innovations in public private partnership*. (pp.57-85). Baltimore: Paul Brookes.
- Almeida, I. C. (1997). Avaliação de programas de intervenção precoce. *Cadernos do CEACF* (13-14), 51-65.
- Tegethof, I. C. (2007). *Estudos sobre a intervenção precoce em Portugal: Ideias dos especialistas, dos profissionais e das famílias*. Unpublished Doutorado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade do Porto, Porto.
- Beckman, P. J. (1996a). The service systems and its effects on families: An ecological perspective. In M. Brambring, H. Rauh & A. Beelmann (Eds.), *Early childhood intervention: Theory, evaluation, and practice* (pp. 175-195). New York: de Gruyter.
- Beckman, P. J. (1996b). Theoretical, philosophical and empirical bases of effective work with families. In P. J. Beckman (Ed.), *Strategies for working with families of young children with disabilities* (pp. 1-16). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Bruder, M. B., & Dunst, C. J. (2006). Advancing the agenda of service coordination. *Journal of Early intervention*, 28(3), 175-177.
- Coutinho, C. P. (2008) *A Qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: Questões relativas à fidelidade e validade*. Educação Unisinos 12(1), 5-15.
- Dimova, A. (2007). Ensino Profissional nos Sistemas de Interação Precoce, na Europa: Graz: Leonordo da Vinci Project.
- Dunst, C. J. (1995). *Influências do apoio social no comportamento e desenvolvimento da criança e do agregado familiar*. Paper presented at the IV Encontro sobre Intervenção Precoce, Coimbra.
- Dunst, C. J. (1997). Conceptual and empirical foundations of family centered practice. In R. Illback, C. Cobb & H. Joseph (Eds.), *Integrated services for children and families:*

Opportunities for psychological practice (pp. 75-91). Washington, DC: American Psychological Association.

- Dunst, C. J. (1998b). Corresponsabilização e práticas de ajuda que se revelam eficazes no trabalho com famílias. In L. M. Correia & A. M. Serrano (Eds.), *Envolvimento parental em intervenção precoce: Das práticas centradas na criança às práticas centradas na família* (pp. 123-141). Porto: Porto Editora.
- Dunst, C. J. (2000b). Revisiting "Rethinking Early Intervention". *Topics in Early Childhood Special Education*, 20(2), 95-104.
- Dunst, C. J. (2002). Family centered practices: Birth through school. *The Journal of Special Education*, 36(3), 139-147.
- Dunst, C. J., & Trivette, C. M. (1994). Empowering case management practices: A family centered perspective. In C. J. Dunst, C. M. Trivette & A. G. Deal (Eds.), *Supporting and strengthening families* (pp. 187-196). Cambridge, MA: Brookline Books.
- Dunst, C. J., Trivette, C. M., Davis, M., & Cornwell, J. (1994). Characteristics of effective helpgiving practices. In C. J. Dunst, C. M. Trivette & A. G. Deal (Eds.), *Supporting and strengthening families: Methods, strategies and practices*. (pp. 171-186). Cambridge: Brookline Books.
- Dunst, C. J., Trivette, C. M., Davis, M., & Corwell, J. (1988). Enabling and empowering families of children with heath impairments. *Children ´s Heath Care*, 17(2), 71-81.
- Fontana, A. & Frey, J. (2000). The Interview. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln, *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Gallacher, K. (1997). Supervision, mentoring, and coaching: Méthods for supporting personnel development. In P. J. Winton, J. A. McCollum & C. Catlett (Eds.), *Reforming personnel preparation in early intervention* (pp. 191- 214). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito: Teoria e Pratica*. Oeiras:Celta Editora.
- Gómez, G. R., Flores, J. G, & Jiménez, E. G. (1999). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Kvale, S.(1996). *Interviews: An introduction to qualitative research interview* in Thousan Oaks: Sage
- Pereira, A. P. S. (2003). *Práticas centradas na família: Identificação de comportamentos para uma prática de qualidade no distrito de Braga*. Unpublished Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- Pereira, A. P. S. (2009). *Práticas centradas na família em Intervenção Precoce: Um Estudo Nacional sobre Práticas Profissionais*. Unpublished Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.
- Rappaport, J. (1981). In praise of paradox : A social policy of empowerment over prevention. *American Journal of Community Psychology*, 9, 1-25.

- Sandall, S., McLean, M., & Smith, B. J. (2000). *DEC recommended practices in early intervention/early childhood special education*. Denver: SOPRIS West.
- Santos, P. A. C. H. (2007). *Promovendo um processo de construção de uma cultura de intervenção precoce*. Unpublished Doutorado, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Turnbull, A. P., & Turnbull, H. R. (1990). *Families professionals and exceptionality: A special partnership*. Columbus, OH: Charles E. Merrill Publishing Company.
- Viana, R. M. P. (2007). *Uma abordagem às práticas centradas na Família. Sonhar: Comunicar a Diferença*
- Winton, P. J., McCollum, J. A., & Catlett, C. (1997). *Reforming personnel preparation in early intervention*. Baltimore: Paul H. Brookes.